

JORNALISMO

IMPACTOS DO MERCADO JORNALÍSTICO NA VIDA DE SEUS TRABALHADORES: UM ESTUDO SOBRE INDICADORES DE SAÚDE DOS JORNALISTAS BRASILEIROS

*IMPACTS OF THE JOURNALISTIC MARKET ON THE LIVES OF ITS WORKERS:
A STUDY ON HEALTH INDICATORS OF BRAZILIAN JOURNALISTS*

*IMPACTOS DEL MERCADO PERIODÍSTICO EN LA VIDA DE SUS
TRABAJADORES: UN ESTUDIO SOBRE LOS INDICADORES DE SALUD DE LOS
PERIODISTAS BRASILEÑOS*

Felipe Simão Pontes¹

Samuel Pantoja Lima²

RESUMO: o artigo apresenta resultados sobre indicadores de saúde de 1.233 jornalistas que responderam a um *online survey*, realizado entre novembro e dezembro de 2017, que avaliou as suas trajetórias profissionais. Os respondentes são os mesmos que participaram, no final de 2012, da pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro (MICK; LIMA, 2013). A pesquisa de Trajetórias Profissionais dos Jornalistas Brasileiros atesta que houve manutenção da alta sobrecarga de trabalho, da desigualdade de gênero e do aumento dos profissionais que estão fora do mercado de trabalho jornalístico (PONTES; MICK, 2018). Dentre os resultados alcançados, está que 57% dos respondentes declaram se sentir estressados, 37% receberam diagnóstico de estresse, 16% receberam diagnóstico de transtorno mental, 24% estão diagnosticados com LER/Dort e 26% fazem uso regular de antidepressivos.

Palavras-chave: Perfil profissional. Saúde dos jornalistas. Trajetórias profissionais.

¹ ORCID: [0000-0003-1377-2272](https://orcid.org/0000-0003-1377-2272). E-mail: felipesimaopontes@gmail.com

² ORCID: [0000-0001-5705-7401](https://orcid.org/0000-0001-5705-7401). E-mail: samuca13@gmail.com



ABSTRACT: this article presents results on health indicators of 1,233 journalists who responded to an online survey that validated their professional trajectories. The survey was carried out in November and December of 2017. The respondents are the same ones who participated, at the end of 2012, in the research Profile of the Brazilian Journalist (MICK; LIMA, 2013). The research of Professional Trajectories of Brazilian Journalists shows that the high workload and gender inequality has been maintained, and has increased of professionals outside the journalistic job market (PONTES; MICK, 2018). Among the results, 57% of the respondents felt stressed, 37% had a diagnosis of stress, 16% had a diagnosis of mental disorder, 24% were diagnosed with Repetitive Strain Injuries/ Work Related Musculoskeletal Disorders and 26% had regular use of antidepressants.

Keywords: Professional profile. Health of journalists. Professional trajectories.

RESUMEN: este artículo presenta los resultados de los indicadores de salud de 1.233 periodistas que respondieron a una encuesta en línea que validó sus trayectorias profesionales. La encuesta se realizó en noviembre y diciembre de 2017. Los encuestados son los mismos que participaron, a fines de 2012, en el Perfil Profesional del Periodista Brasileño (MICK; LIMA, 2013). La investigación de Trayectorias Profesionales de Periodistas Brasileños muestra que la alta carga de trabajo y la desigualdad de género se han mantenido, y ha aumentado los profesionales fuera del mercado de trabajo periodístico (PONTES; MICK, 2018). Entre los resultados, el 57% de los encuestados se sentía estresado, el 37% tenía un diagnóstico de estrés, el 16% tenía un diagnóstico de trastorno mental, el 24% fueron diagnosticados con lesiones por esfuerzo repetitivo/ trastornos musculoesqueléticos relacionados con el trabajo, y el 26% tenía uso regular de antidepresivos.

Palabras clave: Perfil profesional. Salud de los periodistas. Trayectorias profesionales.

Introdução

Este artigo é resultado de progressivas investigações sobre os jornalistas brasileiros, que iniciaram em 2011 com os estudos preparatórios e seguiram em 2012 com a realização de uma pesquisa sociodemográfica sobre a categoria. A pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro obteve 4.216 respostas, que possibilitaram a produção de uma amostra com 2.731 jornalistas (MICK; LIMA, 2013). Na ocasião, foram consolidados dados sobre as condições demográficas, de trabalho e políticas editoriais dos jornalistas brasileiros. Tratava-se de uma categoria feminina, branca, de baixo salário (inferior a cinco salários mínimos), 45% trabalhando acima das 8 horas por dia (quando a Lei prevê 5 horas) e exercendo multifuncionalidade (MICK; LIMA, 2013). Naquela ocasião, 55% dos jornalistas

trabalhavam em empresas de mídia, 40% em assessorias e 5% como docentes, dados que desconsideravam os 24,4% fora do trabalho jornalístico.

As características manifestas pelos jornalistas são aspectos de dois movimentos estruturantes que conformam essa atividade laboral. Primeiramente, as condições de trabalho na indústria jornalística, que, como destaca Roxo de Oliveira (2013) desde ao menos 1980 radicaliza a tecnificação do trabalho, com reestruturação tecnológica, produção por metas, redução de equipes, racionalização e aceleração do tempo produtivo, individualização do gerenciamento da produção (responsabilização pelos objetivos do patronato), juvenilização, aumento da qualificação técnica/universitária, flexibilização das relações trabalhistas (com aumento de *free-lancers* e pessoas jurídicas) etc. Essas características estão determinadas por um movimento mais amplo, de transformações do mundo do trabalho, no qual a flexibilidade, a informalidade, a individualização e o aumento da produção da mais-valia sobre o tempo “livre” definem a “precarização” (BRAGA, 2012; STANDING, 2017; ANTUNES, 2018) resultante das relações econômicas neoliberais (DARDOT; LAVAL, 2016).

Por outro lado, como assevera Antunes (2018), essa precarização vem associada ao aumento agregado da intelectualização do trabalho, sob uma promessa não realizável de transição do ambiente industrial para o autônomo, do autômato para o criativo, da carteira assinada para o empreendedorismo. Tais associações e dissociações, para além de uma resposta única, se materializam no âmbito jornalístico em diferentes esferas de divisão do trabalho, tanto no âmbito redacional, quanto no desenvolvimento de diferentes modalidades de arranjos sob o arcabouço do “empreendedorismo”, que, na maioria dos casos, resulta e é resultado de trabalho flexível, voluntário e inseguro - precário. Em momentos de crises econômica e política-editorial das tradicionais empresas jornalísticas e frente à gigantesca concorrência dessas empresas com plataformas midiáticas internacionais, a pressão sobre trabalhadores se converte em mais precarização e se multiplicam as condições para a emergência de adoecimentos físicos e mentais.

Os dados da pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro ofereceram a Lima (2015) elementos para prospectar os impactos que as condições de trabalho teriam sobre a saúde dos jornalistas. Em nossa visão, baseado em Mick (2013), são cinco indicadores que demonstram a precarização: jornada de trabalho excessiva, intensidade do trabalho, vínculo precário, salários baixos e multifuncionalidade.

Em 2017, os 4.216 respondentes foram convidados a responder outra pesquisa, com vistas a analisar as trajetórias desses sujeitos (PONTES; MICK, 2018). A pesquisa Trajetórias Profissionais dos Jornalistas Brasileiros obteve 1.233 respos-

tas. Essas respostas não oferecem informações que possam ser generalizadas para a categoria. O objetivo é analisar trajetórias e oferecer marcas quantitativas que comparem o deslocamento dos indivíduos diante das transformações e continuidades do ambiente de trabalho para jornalistas no Brasil. Em 2012, dentre os 1.233 jornalistas entrevistados, 42% estavam trabalhando na mídia, 31% em assessorias, 5% como docentes e 22% fora da categoria (aposentados, desempregados, apenas estudantes ou trabalhando em outras atividades). Em 2017, 28% desses mesmos jornalistas trabalham na mídia, 28% em assessoria, 6% como professores e 38% estão fora da categoria.

Dentre as perguntas sociodemográficas, políticas e sobre as condições de trabalho, os jornalistas foram questionados se se sentiam estressados em decorrência do trabalho, se já receberam diagnóstico médico de estresse, se apresentavam diagnóstico de transtornos mentais, de LER/Dort³ ou se faziam usos de antidepressivos. Tais questões, ainda que não esgotem as discussões, oferecem elementos novos, na esteira das poucas pesquisas realizadas no Brasil sobre o tema (HELOANI, 2004; BULHÕES; RENAULT, 2016).

Após uma exposição da metodologia, o nosso interesse é refletir sobre os dados de cada uma das perguntas realizadas. Para essa exposição, apresentamos dois momentos de análise: informações sociodemográficas sobre a prevalência dessas doenças sobre a categoria e dados baseados em três dos cinco indicadores de precarização detalhados por Lima (2015) (tipo de vínculo, carga horária e remuneração). A partir de características comparadas, oferecemos alguns elementos de causalidade que possam melhorar nossa compreensão sobre a categoria, sobre os impactos da precarização para seu adoecimento e, por fim, subsidiar novos problemas e novas inferências.

³ De acordo com o Ministério da Saúde, “[...] são considerados sinônimos lesões por esforços repetitivos (LER), distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (Dort), síndrome cervicobraquial ocupacional, afecções musculoesqueléticas relacionadas ao trabalho (Amert) e lesões por traumas cumulativos (LTC). São danos decorrentes da utilização excessiva, imposta ao sistema musculoesquelético, e da falta de tempo para recuperação”. Caracterizam-se pela ocorrência de vários sintomas, concomitantes ou não, geralmente nos membros superiores, tais como dor, formigamento, dormência, insensibilidade ou falta de força para segurar objetos. A LER pode avançar para um processo degenerativo que afeta os nervos, resultando em deformidades como cistos, inchaços etc. (BRASIL, 2006, p. 10).

Reflexões metodológicas

O trabalho marca a vida e é condição de sociabilidade dos indivíduos, conformando sua identidade, o status social que eles ocupam, as relações que estabelecem (STRAUSS, 2009). Sob esse aspecto, os estudos de trajetórias de interesse laboral aproximam histórias de indivíduos no âmbito fenomenológico para entender as dinâmicas estruturais que condicionam as ações. Como destacado por Pontes e Mick (2018), as modificações estruturais pelas quais passam o jornalismo brasileiro afetam as trajetórias de milhares de indivíduos. No caso de pesquisa sobre doenças laborais, essas relações estão diretamente presentes, pois condições no trabalho agem sobre a saúde física e mental dos trabalhadores.

Neste artigo estamos preocupados em indicar a presença de cinco adoecimentos laborais. Tomamos por base as respostas de 1233 jornalistas que participaram da pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro em 2012 e de Trajetórias Profissionais em 2017 por questionário fechado em ambiente digital. A modalidade de pesquisa dessa natureza é a *online survey*, técnica que utiliza ferramentas de comunicação da *internet* para a realização de *survey* (BABBIE, 2001), seguindo suas características, como formulação da pergunta, seleção e estratificação da população, organização do plano amostral e análise de caráter estatístico (com as devidas margens de erro e grau de confiança).

A *online survey* tem a vantagem de obter acesso a grandes populações, muitas de difícil acesso, com um custo muito inferior ao *survey* tradicional (EVANS; MATHUR, 2005; WRIGHT, 2005). A *online survey* oferece condições de acesso aos investigados de forma não invasiva e que permite participação na pesquisa a qualquer tempo, inclusive mantendo o questionário aberto enquanto executam outras tarefas. A técnica exige dos pesquisadores atenção ao enviesamento da amostra devido à possível participação de indivíduos que não são de interesse da pesquisa e a não presença do pesquisador para sanar dúvidas de enunciado das questões (EVANS; MATHUR, 2005).

Para evitar tais problemas, recomenda-se a realização de pré-teste do questionário, o uso de questões validadas por outras pesquisas, acompanhamento sistemático das respostas da base com controle dos canais de coleta de pesquisa por meio de um gerenciador, rigoroso processo de saneamento e a realização de um *survey* tradicional em paralelo para testar possíveis inconsistências. A Pesquisa Perfil do Jornalista fez o pré-teste com 30 jornalistas no País, realizou paralelamente entrevistas por telefone para testar o instrumento, dirigiu a pesquisa por um gerenciador *online* chamado “Survey Monkey” e eliminou mais de 800 ques-

tionários que estavam incompletos ou ofereciam alguma suspeita. Parte do teste de confiabilidade, a pesquisa exigiu o cadastro de um *e-mail* válido de todos os respondentes, endereços conferidos mediante envio de mensagem (MICK, 2013b).

Cinco anos depois, de 16 de novembro a 14 de dezembro de 2017, foi realizada uma nova *online survey* com os 4.216 respondentes. O gerenciador da pesquisa foi novamente o “Survey Monkey” e o questionário, enviado para os *e-mails* válidos cadastrados. Os casos em que o acesso ao questionário se deu a partir de outro *e-mail* (especialmente casos de envio automático de mensagens de uma caixa de *e-mail* a outra), foram conferidos linha a linha durante o processo de saneamento. Em todas as situações em que houve dúvida de se tratar do mesmo respondente de 2012, o questionário foi eliminado. O saneamento ficou completo com a organização, linha a linha da planilha de dados, das respostas de 2012 e 2017. Ao fim do processo, constituímos um banco de dados com 1.233 respondentes. Esses respondentes não correspondem a um plano amostral da categoria, uma vez que essa não foi a intenção. Diferente da pesquisa Perfil do Jornalista, que apresentou amostra de 2.731 respondentes (MICK; LIMA, 2013), a pesquisa de Trajetórias está mais preocupada em compreender trajetórias do maior número possível de indivíduos.

O questionário traz questões iguais às realizadas cinco anos antes (como salário, tipo de trabalho jornalístico, carga horária, forma de acesso ao emprego, filiação a sindicato, ideologia política etc.), o que permite a comparação com dados de 2012. Algumas das questões não foram repetidas e outras, adicionadas: sobre demissões, impactos da crise e as de saúde dos jornalistas. As perguntas sobre este tema específico foram: Você se sente estressado no trabalho? Você já foi diagnosticado com estresse?; Você já foi diagnosticado com transtorno mental? Você já foi diagnosticado com LER/Dort? Tem indicação médica para tomar antidepressivos? As informações de uma das questões são múltiplas. Preocupamo-nos aqui com indicadores gerais, apresentando as relações das doenças com gênero, idade, faixa salarial, carga horária, se o respondente ainda trabalha com o jornalismo e qual o tipo de trabalho jornalístico desempenha (na mídia, em assessoria ou em docência).

Alguns indicadores de saúde de 1.233 jornalistas

Em primeiro lugar, ressaltamos que não é possível universalizar os dados que analisaremos, considerando sempre os percentuais como taxas atribuídas aos respondentes da pesquisa “Trajetórias profissionais dos Jornalistas Brasileiros (2012-2017)”. No entanto, é igualmente necessário destacar a força da repre-

sentatividade dos dados: afinal, 1.233 jornalistas, de todos os estados e de fora do País, responderam ao questionário.

Os respondentes têm por perfil a predominância do sexo feminino (60,6%), na faixa etária de 26 a 40 anos (71,2%), de cor branca (73,9%), remuneração até 5 salários mínimos (48%), mas com alta taxa entre aqueles que percebem vencimentos de 5 a 10 mínimos (37,1%). Os percentuais de remuneração correspondem somente aos que estavam trabalhando no jornalismo em 2017 e responderam a questão, quer seja, 729 jornalistas (conforme Tabela 1).

Tabela 1 – Perfil dos Respondentes - Pesquisa Trajetórias - Brasil, 2017

Itens	Respostas (%)
Sexo	60,6% mulheres
	39,4% homens
Faixa Etária	29% (até 30 anos)
	42,2% (de 31 a 40 anos)
	12,6% (de 41 a 50 anos)
	13,6% (de 51 a 64 anos)
	2,6% (mais de 64 anos)
Cor	73,9% brancos
	23,42% pretos e pardos
	1,2% amarelos
	1,5% outra
Remuneração (apenas 729 estavam trabalhando no jornalismo)	48% (até 5 salários mínimos)
	37,1% (de 5 a 10 mínimos)
	9,4% (de 10 a 15 mínimos)
	3,5% (de 15 a 20 mínimos)
	2% (mais de 20 mínimos)

Fonte: Elaborado pelos autores por meio da Base de Dados da Pesquisa “Trajetórias Profissionais dos Jornalistas Brasileiros (2012-2017)”.

As características gerais dos respondentes convergem para os dados apurados na pesquisa de perfil (MICK; LIMA, 2013). Ao final de 2012 os jornalistas brasileiros eram majoritariamente mulheres brancas, solteiras, com até 30 anos, recebiam salário de até cinco mínimos e cumpriam alta carga horária de trabalho. A faixa etária apresentada na pesquisa de 2017 é condizente com a passagem de cinco anos na vida dos 1.233 entrevistados, bem como a alteração de estado civil, tendo união estável e casados como predominantes.

A maior diferença que a pesquisa de Trajetórias revela em relação à situação dos respondentes em 2012 e 2017 é na atividade jornalística que desempenham (na mídia, em assessoria ou na docência) e no contingente que está fora da profissão. Pontes e Mick (2018) expõem que nos últimos cinco anos houve um salto de 22% para 38% no contingente de profissionais que deixaram de atuar no jornalismo, 8% deles desempregados (quando em 2012 o nível era 4% dentre esses mesmos sujeitos) e 19% trabalhando em atividades não jornalísticas (eram 8% em 2012). A saída do mercado propriamente jornalístico teve maior impacto sobre os jornalistas que trabalham na mídia (Tabela 2).

Tabela 2 – Em seu trabalho principal como jornalista, qual a área de atuação?

	2012			2017		
	N	%	%*	N	%	%*
Fora da mídia em docência (na formação superior de jornalistas ou outras áreas de conhecimento)	58	5%	6%	79	6%	10%
Fora da mídia em outras atividades (assessoria de imprensa ou comunicação)	387	31%	40%	348	28%	45%
Mídia (veículos de comunicação, produtoras de conteúdo etc.)	517	42%	54%	343	28%	45%
Não trabalham em jornalismo	271	22%		463	38%	

* Percentual sobre respostas dos que trabalham em jornalismo.

Fonte: Elaborado pelos autores com base em Pontes e Mick (2018).

Destacamos esses dados gerais dentre vários outros por entender que as condições externas e próprias do trabalho jornalístico têm relações de causa e consequência com os adoecimentos aqui trabalhados. Dentre os 1.233 jornalistas entrevistados, de 1090 a 1098 responderam as questões sobre adoecimento e destes, 57,2% afirmaram se sentir estressados, 36,7% foram diagnosticados com

estresse, 24,3% afirmam ter LER/Dort, 15,8% ter transtorno mental relacionado ao trabalho e 26% receberam indicação para tomar antidepressivos.

Tabela 3 – Jornalistas por indicadores de saúde no trabalho, por sexo (2017)

Questão	Mulheres		Homens	
	Sim	Não	Sim	Não
Você se sente estressado no trabalho?	36,7%	23,9%	20,5%	18,9%
Você já foi diagnosticado com estresse?	24,2%	36,5%	12,5%	26,8%
Você já foi diagnosticado com algum sintoma de LER/Dort?	17,7%	43%	6,6%	32,7%
Você já foi diagnosticado com algum transtorno mental relacionado ao trabalho?	11%	49,5%	4,8%	34,7%
Você já recebeu indicação para tomar antidepressivos?	18,2%	42,6%	7,8%	31,4%

Fonte: Elaborado pelos autores por meio da Base de Dados da Pesquisa “Trajetórias Profissionais dos Jornalistas Brasileiros”.

Conforme a Tabela 3, as jornalistas mulheres sofrem mais com as doenças aqui estudadas. Como verificado por Pontes (2017), as condições de trabalho das mulheres no jornalismo brasileiro, principalmente na mídia, são mais precárias. Elas trabalhavam o mesmo que os homens, ganhavam menos, tinham menos acesso a benefícios e estavam, em 2012, de modo geral, mais insatisfeitas que eles. Considerando o total dos respondentes, tem-se que 662 são mulheres; dessas 401 se sentem estressadas ou 60,6% do total específico desse gênero. No caso dos homens, 431 responderam e desses 224 se sentem estressados, o que equivale a 52% do total do gênero. A situação é similar em outras doenças, pois há o dobro de mulheres do que homens que afirmam estar diagnosticadas com estresse, 29,1% das mulheres declaram enfrentar problemas com LER/Dort, taxa superior aos homens (16,7%). A situação se repete dentre as que declaram ter transtorno mental relacionado ao trabalho (18,3% elas e 11,8% eles) e as que tomam antidepressivos (29,9% a 19,8%).

Quando analisamos as características da saída de jornalistas da profissão, por gênero, nota-se que, dos 1.233 entrevistados, as trabalhadoras de mídia em 2012 eram 280 e passaram a 171 em 2017. Por sua vez, os homens eram 237 em 2012 e passaram a 172 em 2017. Esses dados ganham mais força quando se evidencia que o impacto negativo mais intenso no período de cinco anos é sobre os trabalhadores de mídia (PONTES; MICK, 2018). Em uma atividade

hegemonicamente feminina, em que as mulheres enfrentam situação de trabalho adversa aos homens, elas são maioria com adoecimento ligado ao trabalho não só como maioria da categoria, mas também porque sofrem mais os impactos negativos da conjuntura social e jornalística. Sob esses aspectos, investigações sobre gênero merecem atenção.

Dentre os aspectos sociodemográficos que indicam iniquidades, nenhum é tão forte quanto o gênero. Ao se analisar o fator geracional, temos o aumento da idade em cinco anos da amostra aqui estudada, o que poderia oferecer elementos dos impactos das doenças com o passar do tempo. Ainda assim, os mais jovens sentem-se mais estressados, pois 63,7% dos que têm menos de 30 anos e 58,1% dos que estão de 31 a 40 anos manifestam essa condição (vale lembrar que 57,2% da categoria como um todo se sente estressada). Os jornalistas com diagnósticos de estresse estão em sua maioria abaixo dos 40 anos, mas em termos proporcionais (razão do número de adoecimentos pelo total de respondentes de cada faixa etária), há uma proximidade à média geral dos respondentes, de 36,6%, em cada faixa de idade. Situação similar das pessoas que declararam ter diagnóstico de transtorno mental ligado ao trabalho, pois 78% dos que responderam “sim” à questão têm menos de 40 anos, mas em termos proporcionais por faixa etária o resultado é próximo da média.

A situação altera-se quando observamos os jornalistas que afirmam diagnóstico de LER/Dort. Em termos gerais, 64,7% dos lesionados estão nas faixas mais jovens (até 30 anos e de 31 a 40 anos). Porém, quando observamos a proporção de lesionados frente à quantidade de jornalistas, verifica-se que as faixas etárias de 41 a 50 anos (33,3%) e 51 a 64 anos (27,5%) superam a taxa geral da categoria (24,3%). Por fim, 201 de 284 entrevistados que receberam indicação médica para tomar antidepressivos (70,7%) estão abaixo de 40 anos. As faixas etárias até os 30 anos e depois dos 64 estão com médias abaixo da média geral. Por sua vez, as faixas de 31 a 40 anos, 41 a 50 anos e 51 a 64 anos estão muito próximo da média geral (25,9%). Esses resultados reforçam a tese que o número de jovens que sofrem com adoecimentos é significativo e isso pode estar ligado a trabalhos mais precários (jornada excessiva, intensidade e multifuncionalidade), tanto quanto pela juvenilização das redações. Tais fatores também demandam estudos específicos.

Ao se tratar de cor, os dados permitem verificar informações apenas de brancos (74% dos respondentes), pardos e pretos (23,4%). O sentimento de estresse, ter diagnóstico de transtorno mental relacionado ao trabalho e os lesionados por LER/Dort se mantêm proporcionalmente igual em cada uma das cores. Por sua

vez, 40% de pretos e pardos têm diagnóstico de estresse, índice levemente superior à média (36,4%). Os brancos tomam mais antidepressivos do que a média.

Após as informações sociodemográficas, passamos a apresentar algumas relações com aspectos do trabalho jornalístico. A primeira informação que afeta significativamente nossas hipóteses é que há poucas diferenças entre respondentes que trabalham no jornalismo ou fora do jornalismo. E que, entre os segmentos de atuação dos que estão no jornalismo, os trabalhadores da mídia apresentam níveis de adoecimentos similares ou inferiores aos docentes e aos assessores (Tabela 5). Como houve uma grande migração de trabalhadores da mídia para os outros segmentos e para fora do jornalismo, outra hipótese possível era de que os jornalistas que estavam na mídia em 2012 saíram para trabalhar em outros segmentos que, ainda hipoteticamente, seriam menos suscetíveis aos adoecimentos estudados. Hipótese que também não se comprova ao estudarmos a Tabela 4, pois os trabalhadores que estavam na mídia em 2012 têm índices médios de adoecimentos em 2017 inferiores aos demais segmentos. Como o segmento de mídia era maior que os demais em 2012, numericamente há mais jornalistas que sofrem com adoecimentos que atuavam na mídia em 2012. Importante lembrar que a questão sobre adoecimentos é somente de 2017, o que não permite estabelecer crescimento ou decréscimo de adoecimentos nesse período.

Tabela 4 – Proporção de adoecimento por cada segmento - o que os sujeitos faziam em 2012

	Geral	Fora do Jornalismo 22%	Docência 5%	Assessoria 31%	Mídia 42%
Você se sente estressado no trabalho?	57,2%	52,1%	61,4%	58,6	57,9
Você já foi diagnosticado com estresse?	36,7%	38%	42%	37,1%	35%
Você já foi diagnosticado com algum transtorno mental relacionado ao trabalho?	15,8%	18,6%	8,8%	17,6%	14%
Você já foi diagnosticado com algum sintoma de LER/Dort?	24,3%	27,4%	17,5%	25,4%	23%
Você já recebeu indicação para tomar antidepressivos?	26%	27,7%	29,8%	35%	22,9%

Fonte: Elaborado pelos autores por meio da Base de Dados da Pesquisa “Trajetórias Profissionais dos Jornalistas Brasileiros”.

Tabela 5 – Proporção de adoecimento por cada segmento em 2017

	Geral	Fora do Jornalismo 38%	Docência 6%	Assessoria 28%	Mídia 28%
Você se sente estressado no trabalho?	57,2%	53%	64,9%	61,4%	58,6%
Você já foi diagnosticado com estresse?	36,7%	33,3%	28,6%	37,3%	31,4%
Você já foi diagnosticado com algum transtorno mental relacionado ao trabalho?	15,8%	19,7%	8,6%	15,2%	13,8%
Você já foi diagnosticado com algum sintoma de LER/Dort?	24,3%	26,8%	23,4%	23,5%	22,6%
Você já recebeu indicação para tomar antidepressivos?	26%	33,3%	22,1%	22,8%	21,3%

Fonte: Elaborado pelos autores por meio da Base de Dados da Pesquisa “Trajetórias Profissionais dos Jornalistas Brasileiros”.

Ao analisarmos com mais acuidade os dados sobre os que estão fora do jornalismo em 2017, nota-se que os níveis de estresse atingem mais fortemente os desempregados e aqueles que somente estudam. Os desempregados e estudantes também receberam maior indicação para tomar antidepressivos (47,5% e 38,9% respectivamente, quando a média geral da categoria é 26%). Quando o assunto é LER/Dort, proporcionalmente há mais lesionados entre aposentados (35%), desempregados (31,3%) e os que somente estudam (29,3%). Ao se estudar apenas os que estão fora do jornalismo em outras atividades, observa-se que o segmento apresenta índices similares aos que estão trabalhando na mídia. É preciso evidenciar ainda que os níveis de adoecimento dos docentes e daqueles que somente estudam são superiores à média da categoria, o que pode ter ligação com as doenças da academia, objeto de estudos recentes e que sugere estudos específicos sobre os docentes de jornalismo.

Quando tratamos especificamente dos trabalhadores da mídia, são necessários desdobramentos adicionais sobre a pesquisa de trajetórias para qualificarmos as condições que podem causar maior índice de adoecimentos. Dentre os listados por Mick e Lima (2013) e destacados por Lima (2015), o tipo de vínculo revela algumas dessas nuances que adiantamos neste momento para perscrutar outros aspectos no futuro em outro trabalho. Nossa hipótese era que vínculos mais precários sugerem maior probabilidade de adoecimento. Como mais da metade dos vínculos dos trabalhadores da mídia entrevistados são com carteira

assinada, em todos os tipos de adoecimentos estudados o número de pessoas que enfrentam enfermidades não tem vínculo precário. Porém, em termos de proporcionalidade de adoecimentos frente à quantidade de respondentes por tipos de vínculos há algumas ponderações.

O primeiro destaque é que 68% dos que trabalham com carteira assinada na mídia em 2017 se sentem estressados. A proporção é maior do que nos demais respondentes. Os diagnósticos de estresse, por outro lado, atingem mais fortemente os que estão com contrato de prestação de serviços, com 52% (11 de 21 respondentes). Os que sofrem com LER/Dort são 38% (8 de 21) dentre os que prestam serviços e dentre os empresários. Os empresários são o segmento que, proporcionalmente, mais fazem uso de antidepressivos (38,1%). E os que receberam diagnóstico de transtorno mental apresentam proporções similares entre os que têm carteira assinada, são servidores, são empresários e prestam serviços. Esses resultados indicam – ainda que afirmações mais exatas exijam amostra mais significativa desses trabalhadores – que ter o próprio negócio e prestar serviços causam mais adoecimentos. Por outro lado, o forte contingente dos que têm carteira assinada e sofrem com adoecimentos como sentimento e diagnóstico de estresse e uso de antidepressivos indica que a hipótese do tipo de vínculo pode ser revista ou melhor estratificada.

Se o tipo de vínculo precário não pôde ser afirmado como fator de causalidade no adoecimento, a carga horária tem relação mais direta. A carga horária excessiva da categoria, com parte significativa trabalhando acima de 8 horas em 2012, ofereceu uma espécie bomba de efeito retardado sobre a saúde dos jornalistas. Dentre os respondentes que trabalhavam no jornalismo, apenas 13% trabalhavam até 5 horas em 2012. Aproximadamente 47% trabalhavam de 5 a 8 horas, 37% de 8 a 12 horas e 3% acima de 12 horas. A consequência é não somente a saída de profissionais para outras atividades, como também o adoecimento. Dos que trabalhavam acima de 8 horas em 2012, 62,5% se sentem estressados, 42% tem diagnóstico de estresse em 2017, 18,4% têm transtorno mental, 27,1% têm diagnóstico de LER/Dort e 29,7% têm indicação para tomar antidepressivos. Todos os dados são superiores à média geral da categoria para cada adoecimento, considerando que os que estão fora do jornalismo não responderam a essa questão.

Em 2017, 15% trabalham até 5 horas, 54% de 5 a 8 horas, 29% de 8 a 12 horas e 2% acima de 12. Ou seja, 85% dos jornalistas trabalham mais do que o regulamentar por Lei. A redução de carga horária dos que trabalham no jornalismo de 2012 para 2017 precisa ser ponderada pelo aumento dos que estão fora do

jornalismo (PONTES; MICK, 2018). Dentre os que trabalham acima de oito horas em 2017, 76,5% se sentem estressados, 42% tem diagnóstico de estresse, 21% sofrem de transtorno mental relacionado ao trabalho, 23,9% tem diagnóstico de LER/Dort e 25,1% indicação para antidepressivos. O trabalho em regime de jornada excessiva impacta, especialmente, na percepção e diagnóstico de estresse.

Outro fator que pode impactar nos adoecimentos é a remuneração percebida pelos indivíduos. Numericamente, os que ganham abaixo de cinco mínimos são maioria em todos os adoecimentos. Porém, ao fazer o comparativo por proporcionalidade (divisão de casos de adoecimentos por indivíduos de um dado segmento), é possível demarcar com mais acuidade. Sob esse critério, 63,9% dos que ganham de 5 a 10 mínimos se sentem estressados (sendo que 75% dos que ganham 6 a 7 salários declaram estar com esse sentimento). O diagnóstico de estresse é proporcionalmente mais alto nas faixas 15 a 20 salários (40%) e mais de 20 salários (42,9%, ou 6 de 14 respondentes). Com diagnóstico de transtorno mental, temos quatro respondentes (28,6%) que recebem mais de 20 salários mínimos e 21 (19%) que recebem de 3 a 4 mínimos. Por sua vez, os diagnosticados com LER/Dort estão divididos entre todas as faixas salariais, com alguma proeminência na de 9 a 10 mínimos (32,5%) e de 5 a 6 mínimos (30,2%). Por fim, os que ganham mais de 20 mínimos são os que mais receberam indicação de tomar antidepressivos (6 de 14). A partir desses dados, não é possível estabelecer relações de prevalência de doença laboral e renda entre os jornalistas.

Retomando os indicadores de saúde, cujos dados foram coletados na pesquisa de trajetórias aqui metodologicamente descrita, temos um conjunto de informações que compõem um quadro de saúde bastante sensível e grave dos 1.233. Cinco anos após a pesquisa do perfil dos jornalistas brasileiros (MICK; LIMA, 2013), temos um incontestável fenômeno de adoecimento coletivo presente entre os profissionais (homens e mulheres – com mais gravidade sobre a saúde das mulheres) que atuam hoje no jornalismo brasileiro.

Considerações finais

Característica predominante na pesquisa de Perfil (2012) e confirmada pela Trajetórias (2017), o fenômeno da feminização da categoria profissional explica, em parte, que a prevalência maior das doenças do trabalho seja sobre as mulheres. Somem-se a isso outros fatores como as desigualdades de remuneração (espelham a mesma realidade do mercado de trabalho formal, em geral), acesso aos cargos gerenciais, exceto as chefias imediatas (editoras e similares) e a dupla

ou tripla jornada. Logo, a primeira consideração final é esta: não é mero acaso que a mulher, profissional do jornalismo, também seja vítima da desigualdade de gênero no mercado de trabalho, visto aqui por estes breves indicadores de saúde.

Outra questão relevante a ser destacada é que a “bomba-relógio” das jornadas excessivas começa a produzir seus efeitos sobre a saúde dos trabalhadores e trabalhadoras do jornalismo, em uma categoria em que 45% trabalham além de 8h diárias. Contudo, avaliamos que seus sintomas estão apenas começando a aparecer, considerando a crise do modelo (empresa) de jornalismo tradicional – que tem gerado redução de postos de trabalho, aumento de jornada e precarização do exercício profissional. Além da carga horária, demonstramos que os adoecimentos ocorrem mais entre profissionais até 40 anos, o que merece mais estudos sobre as condições de trabalho aos mais jovens.

Destacamos que alguns critérios considerados para evidenciar o aumento das condições para adoecimentos laborais não manifestaram relação com adoecimentos, caso de cor, precariedade dos tipos de vínculo, renda oriunda de trabalho jornalístico e entre os jornalistas na mídia, em assessoria, em docência e os que estão fora do jornalismo. Nesse sentido, registramos a relevância de novos estudos específicos sobre a saúde dos e das jornalistas, considerando ainda que incluamos, de forma conexa, a observação sobre os dados de Qualidade de Vida no Trabalho – salários, estabilidade, ascensão profissional e benefícios sociais – com indicadores de saúde e satisfação do trabalho mais amplos, que contemplem, além das tratadas neste artigo, questões como reconhecimento profissional, assédio moral e sexual, cardiopatias, hipertensão etc. (CHIAVENATO, 2004).

Em síntese geral, os indicadores de saúde aqui analisados permitem que concluamos – quanto ao universo de 1.233 respondentes que:

1) Quanto à percepção de estresse, as mulheres sentem-se mais estressadas que os homens. Dos 1.093 respondentes (88,6% da amostra de 1.233), 625 afirmaram que se sentem estressados (57,2%). Desse total, 401 são mulheres (36,7%) e 224 são homens (20,5%). Quando cruzamos com idade, a proporção dos que se sentem estressados é maior entre os mais jovens: a) Abaixo dos 30 anos – 317 respondentes (29%), destes, 202 estressados; b) De 31 a 40 anos – 461 (42,2%) respondentes destes, 268 se sentem estressados. Quando focamos na área de atuação, o resultado é surpreendente: o percentual relativo é muito maior entre os docentes (dos 77 docentes, 50 ou 64,9% se sentem estressados), o que denuncia a supercarga de trabalho e a precarização das condições entre docentes de instituições públicas e privadas; há um equilíbrio nesta percepção

de estresse entre trabalhadores fora da mídia (dos 324 que trabalham em assessoria, 198 ou 61,1%, se sentem estressados), e aqueles que atuam na mídia (dos 328 que trabalham na mídia, 184 ou 56,1%, dizem estar estressados). Portanto, é possível concluir provisoriamente que a maior margem de pessoas que se sentem estressadas não atuava na mídia em 2017. Por fim, a correlação de jornada de trabalho extensa e a percepção de estresse aparece com clareza nos dados: dos 391 que trabalhavam de 5 a 8 horas, 218 (55,8%) se sentem estressados; e dos 214 que trabalhavam de 8 a 12 horas, 160 (74,8%) dizem estar estressados – nessas duas faixas de jornada se concentram a maioria.

2) Quanto ao diagnóstico de estresse, os dados convergem para a mesma conclusão anterior: há maior número de diagnóstico de estresse entre as mulheres: De 665 mulheres, 265 (39,8%) foram diagnosticadas com estresse, enquanto que dos 432 homens respondentes, 137 (31,7%) foram diagnosticados com estresse.

3) Quando o assunto é o diagnóstico de LER/Dort (lesões por esforços repetitivos e/ou distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho), o dado é bastante grave: um quarto dos jornalistas apresentam problemas de LER/DORT. Dos 1.094 que responderam a questão, 266 (24,3%) jornalistas afirmaram que “sim”. Ao analisarmos a incidência da patologia por área de atuação no Jornalismo, em 2017, considerando os três setores, temos: de 77 docentes, 18 (23,4%) apresentam diagnóstico; dos 323 profissionais que atuam fora da mídia 76 (23,5%) sofrem a doença; e, finalmente, dos 328 jornalistas que trabalham na mídia 74 (22,6%) apresentam LER/Dort. Praticamente não há diferença entre as atividades jornalísticas.

4) Um em cada quatro jornalistas dos que responderam à pesquisa de trajetórias toma antidepressivos (284 profissionais ou 25,9% dos 1.096 respondentes dessa questão). Trata-se de um dado preocupante e altamente relevante. E aqui, outra vez quando olhamos sob o ponto de vista de gênero, é maior a incidência entre as mulheres: 199 (29,9%) das 666 jornalistas que responderam a pergunta confirmaram que tomam antidepressivos, enquanto entre os 430 homens, 85 (19,8%) tomam antidepressivos.

5) Por último, mas não menos importante, o diagnóstico de transtornos mentais decorrentes do trabalho. Dos 1.090 respondentes, 172 (15,8%) jornalistas afirmaram que “sim”, enquanto 918, “não”. Dentre as 172 respostas afirmativas, 121 são mulheres (70,3%), enquanto apenas 51 são homens (29,7%).

Esses dados compõem um panorama parcial da situação de saúde dos e das jornalistas brasileiros, que mesmo não sendo generalizável, expressa uma situação que tende a ser mais grave, em um estudo mais vertical e específico

que pode revelar um quadro epidemiológico mais completo, com base estatística e representatividade nacional.

Referências

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.

BABBIE, E. **Métodos de Pesquisa Survey**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

BRAGA, R. **A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista**. S. Paulo: Boitempo, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Dor relacionada ao trabalho: Lesões por esforços repetitivos (LER) e Distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (Dort)**. Brasília, 2006. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/dor_relacionada_trabalho_ler_dort.pdf. Acesso em: 20 mar. 2019.

BULHÕES, J; RENAULT, D. A precarização da prática jornalística: uma revisão bibliográfica sobre o impacto das condições de trabalho na saúde e qualidade de vida do jornalista. **Parágrafo**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 164-175, 2016. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/414/424>. Acesso em: 24 jul. 2018.

CHIAVENATO, I. **Gestão de pessoas e o novo papel dos recursos humanos nas organizações**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

DARDOT, P; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVANS, J.; MATHUR, A. The value of online surveys. **Internet Research**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 195-219, 2005. Disponível em: <http://www.emeraldinsight-com.ez82.periodicos.capes.gov.br/doi/pdfplus/10.1108/10662240510590360>. Acesso em: 01 maio 2016. <https://doi.org/10.1108/10662240510590360>

FIGARO, R (org.). **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. São Paulo: Atlas, 2013.

HELOANI, J. R. M. Mudanças no mundo do trabalho e impactos na qualidade de vida do jornalista. In: SIMPÓSIO DE ADMINISTRAÇÃO DA PRODUÇÃO, LOGÍSTICA E OPERAÇÕES INTERNACIONAIS, 7., 2002, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo, FGV, 2004.

LIMA, S. A precarização do trabalho e a saúde dos jornalistas brasileiros. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MUDANÇAS ESTRUTURAIS NO JORNALISMO (MEJOR), 3., 2015, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2uZikQd>. Acesso em: 26 jul. 2018.

MICK, J; LIMA, S. **Perfil do jornalista brasileiro**: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Insular, 2013.

MICK, J. A precarização do trabalho dos jornalistas no Brasil. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 11, Brasília, DF. **Anais** [...]. Brasília, 2013.

MICK, J. **Detalhamento metodológico da pesquisa “Perfil profissional do jornalismo brasileiro”**. Florianópolis, 2013b. Disponível em: http://perfildojornalista.ufsc.br/files/2012/04/PerfilJornal_Metodologia.pdf. Acesso em: 11 jul. 2018.

NONATO, C. O perfil diferenciado dos jornalistas associados ao Sindicato de São Paulo. *In*: FIGARO, R (org.). **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. São Paulo: Atlas, p. 143-202, 2013.

PONTES, Felipe S. Desigualdades estruturais de gênero no trabalho jornalístico: o perfil das jornalistas brasileiras. **E-Compós**, Brasília, DF, v. 20, n. 1, p. 1-15, jan./jul. 2017. Disponível em: <http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1310>. Acesso em: 17 jul. 2018. <https://doi.org/10.30962/ec.1310>

PONTES, F. S.; MICK, J. Crise e mercado de trabalho: trajetórias profissionais de jornalistas no Brasil (2012-2017). *In*: ENCONTRO NACIONAL DA COMPÓS, 16., 2018, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte, 2018. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/arquivos_2018/trabalhos_arquivo_72JHNDAEFV9AD5MYXlo8_27_6951_26_02_2018_14_58_21.pdf. Acesso em: 08 jul. 2018.

ROXO DE OLIVEIRA, M. O projeto de reestruturação do trabalho jornalístico na Folha de S. Paulo: racionalidade e gerenciamento. **Cadernos Ceru**, São Paulo, v. 24, n. 2, jul.-dez. 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/87212>. Acesso em: 14 jul. 2018.

STANDING, G. **O precariado**: a nova classe perigosa. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

STRAUSS, A. **Espelhos e Máscaras**. São Paulo: Edusp, 2009.

WRIGHT, K. B. Researching internet-based populations: advantages and disadvantages of online survey research, online questionnaire authoring software packages, and web survey services. **Journal of Computer-Mediated Communication**, [S. l.], v. 10, n. 3, p. 1-22, Apr. 2005. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1083-6101.2005.tb00259.x/full>. Acesso em: 2 jan. 2018. <https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2005.tb00259.x>

Dados dos autores:

Felipe Simão Pontes – felipesimaopontes@gmail.com

Professor do Programa de Pós Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (PPGJor-UEPG). Pós-Doutorado em Jornalismo pela UEPG e Doutor em Sociologia Política pela UFSC.

Endereço do autor:

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo

Praça Santos Andrade, Centro, 84.010-790 – Ponta Grossa (PR) – Brasil

Samuel Pantoja Lima – samuca13@gmail.com

Professor da Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. (PPGJor-UFSC). Doutor e Mestre em Engenharia de Produção pela UFSC.

Endereço do autor:

Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Jornalismo da UFSC.

Campus Reitor João David Ferreira Lima - Trindade, 88.040-900 -Florianópolis (SC), Brasil